

## ANZALDÚA E EVARISTO: UM ESTUDO A PARTIR DAS ÁGUAS ANCESTRAIS

Joao Paulo F. Tinoco<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Antes de iniciar minhas reflexões, creio ser importante saudar os saberes ancestrais com os quais nos relacionamos. São vozes que falaram antes de mim. E neste momento em que escrevo, surgem como se fossem minhas. Como candomblecista e umbandista, filho de Oxum e Xangô, entendo a importância de valorizar o conhecimento que foi nos deixado pelas nossas mães e pais mais velhos que é ainda praticado nos terreiros do Brasil a partir de diferentes perspectivas.

Toda vez que me proponho a refletir sobre ancestralidade eu encontro refúgio. Para mim a ancestralidade não só me coloca num lugar de acesso ao passado que foi arrancado de mim pelo colonizador, mas ela me conecta a uma travessia e mudança de perspectivas. Por exemplo, os meus ancestrais perderam não só seus nomes quando chegaram, mas milhares de vidas foram ceifadas ao longo das viagens da África para o Brasil. Ou o sincretismo no relacionamento entre Santos e Orixás que é visto como estratégia de sobrevivência (SIMAS, 2021). São deslocamentos forçados que deixam rastros pelos caminhos, e que aqui nesta escrita tento juntar alguns. Esse espaço liminar onde a memória ancestral se encontra é importante para minhas reflexões, porque acredito que recordar o passado nos possibilita uma maneira outra de ver a vida e (re)pensar a maneira que relacionamos com o presente e o futuro. A cada acesso a essas auto-histórias eu percebo que eu me reconstruo e construo um sentimento de pertencimento.

De acordo com Anzaldúa (2012), a auto-história como uma prática da escrita de si em que o sujeito relata experiências pessoais e coletivas ao mesmo tempo que estamos conjurando imagens ancestrais. O sujeito, enquanto relator e testemunha, tende a abordar sobre questões traumáticas, levando em consideração o seu Local Geográfico, ou seja, discutir histórias particulares dum sujeito específico e dum local específico.

Examinar Águas de Kalunga de Conceição Evaristo como um audiopoema, termo usado pela escritora Roberta Lantyer (2023)<sup>2</sup>, é uma experiência que nos leva para o pleno mar, sentimos o seu balanço, ouvi-lo cantar e nos afundar nas águas ancestrais. É um processo de juntar pedaços que estão espalhados.

Em se tratando do audiopoema Águas de Kalunga, eu percebo a presença e ausência de memórias que se manifestam através da personagem como imagens em construção, em que a ausência/esquecimento é um ato essencial para (re)lembrar. É preciso esquecer para lembrar. O esquecimento é essa ruptura consciente que nos faz buscar nas profundezas rastros dum passado que reaparece, emerge no presente e joga luzes no futuro.

A partir disso, neste trabalho, ainda em construção, proponho rastrear, nos processos subjetivos do sujeito Mulher negra, relações de poder e o deslocamento de produção da subjetividade mestiza com relação à escrit(ur)a a partir do audiopoema

<sup>1</sup> Doutro em Letras pela UFMS. Email: lajptinoco@gmail.com

<sup>2</sup> Disponível em: <https://faziapoesia.com.br/%C3%A1guas-de-kalunga-uma-experi%C3%Aancia-auditiva-para-mergulhar-na-poesia-de-concei%C3%A7%C3%A3o-evaristo-a896b1e699da>

Águas de Kalunga escrito por Conceição Evaristo publicado em 2019 no formato de podcast pelo Museu de Arte do Rio (MAR), em que a exposição “O rio dos navegantes” teve grande influência para os poemas escritos para o podcast. O audiopoema Águas de Kalunga é o primeiro episódio do podcast.

Sob a visada da Análise do Discurso (AD) transdisciplinar e sob a pluma dos estudos descoloniais, busco na materialidade linguística os possíveis efeitos de sentido de empatia a partir da noção de *nos/otras* formulada por Anzaldúa que, ao mesmo tempo, nos fazem pensar nos efeitos de sentido de ancestralidade que advêm de instituições como a Família, a Religião e o Comunidade que influenciam na produção de subjetividades.

Para isso, valho-me dos estudos de Guerra (2017; 2018) e Coracini (2007) quanto ao sujeito do discurso que “se constrói nos e pelos discursos imbricados que o vão constituindo” (CORACINI, 2007, p. 61), uma vez que “as representações construídas em seu próprio imaginário possuem força suficiente para fazer o [sujeito] acreditar que a condição em que se encontram é constitutiva de sua identidade” (GUERRA, 2018, p. 03). Também a partir dos estudos descoloniais, entrelaço-me na teorização fronteriza de Anzaldúa (2012), lançando mão dos pressupostos teóricos da consciência mestiza anzaldúana e do El Cenote. Este é entendido como a representação de memórias e experiências, por exemplo, a memória coletiva de raça e cultura, e a história pessoal (ANZALDUA, 2000).

Em relação à consciência mestiza (ANZALDÚA, 2012), eu a compreendo como a quebra das dualidades que aprisionam sujeitos num espaço de práticas hostis que as inferiorizam e desumanizam. A consciência mestiza proclama um saber outro para descolonizar olhares. É um chamado espiritual para aprendermos que nós dependemos um dos outros e que somos afetados pelo outro da mesma maneira que o afetamos. A articulação deste estudo por meio da teoria fronteriza tem esse objetivo, qual seja, desestruturar os pensamentos dicotômicos para aventar uma consciência que quebra categorias.

Assim, tenho como hipótese que a relação da ancestralidade e do El Cenote é norteada por memórias coletivas e individuais que urgem serem navegadas para que, por conseguinte, tragam trocas transpessoais de aliviar dores e traumas universais e particulares. Mais adiante falarei um pouco mais sobre o El Cenote. Em relação ao trauma, ponto que o vejo como uma ferida que a meu ver está relacionada a práticas coloniais, por isso uso o termo ferida colonial. Desse modo, quando falo de feridas estou também falando de traumas.

O poema que escolho para analisar, qual seja, Águas de Kalunga (EVARISTO, 2019), retrata uma viagem de cruzeiro. A narradora personagem relata a travessia trazendo em suas palavras memórias dum passado que ainda é muito presente. Suas palavras carregam o banzo de uma (r)existência que ainda está em construção. Para isso, a personagem habita os entre-lugares. Pois é somente dessa maneira, a partir de muitas fronteiras, que ela consegue atravessar e entrecruzar essas histórias que não nos são contadas, mas que estão num vai e vem constante. Ao longo do áudio-poema, a personagem expressa categorias básicas da epistemologia fronteiriça que é o sentido biográfico do corpo negro no Terceiro Mundo, construindo uma política de conhecimento que está ao mesmo tempo enraizada em seu corpo e nas histórias locais.

Extraí alguns enunciados para apreender os meus gestos interpretativos. Os excertos foram codificados de AC1 (Águas de Kalunga), AC2 e AC3. Fiz perguntas com o objetivo de percorrer o rastro sem eu me perder. Elas são: Quais efeitos de sentido são possíveis de rastrear no audiopoema de Evaristo que nos mostram uma

abertura para o outro, dando existência a histórias poucas ou não contadas? Quais são os rastros da subjetividade ancestral do sujeito que podem ser observados, a partir da noção do El Cenote, e que possibilitam a desconstrução dos gestos de exclusão da alteridade materializados na letra e que aventam para uma prática da consciência mestiza: ação modificadora dos pensamentos dicotômicos?

É com essas perguntas que apresento alguns fios teóricos que iço para articular o processo não só analítico e metodológico, mas também epistêmico da subjetividade ancestral, pois é necessário desaprender para aprender que os saberes daqueles que chegaram aqui antes de nós representam não só o processo de evolução e a construção cultural, mas um processo social dinâmico da recuperação, reconfiguração e invenção (ZAUDITU SELASSIE, 2009).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Como analista do discurso de cunho transdisciplinar, é importante levar em consideração a posição enunciativa dos sujeitos, ou seja, de onde o sujeito fala, enuncia. Meu objetivo como analista é me colocar como expectador emancipado. Como candomblecista, eu evoco também o saber das encruzilhadas que me ajuda a buscar outros vieses com o intuito de delimitar o campo do fechamento do poder hegemônico para que, em seguida, eu possa reivindicar noções outras.

Assim, fazer um estudo, a partir da auto-história do sujeito mulher negra, significa rastrear na história estrutural o conjunto histórico, como noções, instituições, medidas jurídicas e conceitos científicos, que coloca cativo o sujeito da fronteira, cujo momento não pode nunca ser recuperado em si mesmo.

A partir dessa análise é necessário que busquemos no audiopoema *Águas de Kalunga* (2019), o arquivo, neste trabalho chamo de El Cenote, histórias outras, os jogos de regras que determinam numa cultura o aparecimento e o desaparecimento dos enunciados, sua permanência e sua extinção, sua existência paradoxal de acontecimentos e de coisas (FOUCAULT, 2014). Assim, a escrita do audiopoema é um abrir-se à pluralidade de efeitos de sentido que deixa ao leitor a tarefa de interpretação. O texto já não pertence só a autora, mas aqueles que tem a obra em suas mãos. E como analista do discurso, tento fazer uma interpretação que incomode as leituras cristalizadas socialmente, colocando-me como expectador emancipado (RANCIÈRE, 2012). É meu dever (re)lembrar o branco que houve uma tentativa de exterminar o povo negro e ainda há marcas dessas tentativas atualmente, por exemplo, o racismo institucionalizado.

De acordo com o que Rancière (2012) propõe em relação ao espectador emancipado – aquele que contraria a ideia socialmente disseminada –, argumento que o olhar do leitor não o impede de (trans)formar o que lê pela interpretação que passa, necessariamente pelo corpo, pela seleção, imprimindo algo que possui naquilo que é apreendido, violentando inevitavelmente o texto como tessitura/tecido.

É importante compreendermos a noção de discurso. Para Michel Foucault (2014) o discurso é um conjunto de enunciados que se apoiam na relação de saberes e poder construídos ao longo da história. Esses enunciados possuem não só um sentido ou verdade, mas um jogo de representações que se repetem como um já-dito, ao mesmo tempo que é um não-já-dito, pois os enunciados emergem e se repetem em momentos determinados e não outros. Por que o audiopoema *Águas de Kalunga* (2019) emergiu num determinado momento histórico e não outro em seu lugar? O que

estava acontecendo em torno desse momento específico para que o ensaio pudesse romper as relações de saber e poder e ser publicado?

Já a noção do El Cenote para mim é um repositório de oferendas ancestrais. O El Cenote é uma piscina de imagens ancestrais que emergem para rachar e quebrar pensamentos enraizados no saber colonial para nos (re)conectar entre um estado de transição e diferentes momentos históricos e entre fronteiras e diferentes culturas (ANZALDÚA, 2009). Para Anzaldúa (2000), o El Cenote representa memórias e experiências, ora elas memórias coletivas sobre raça ou cultura, ora histórias pessoais. Anzaldúa define o El Cenote como reservas psíquicas subterrâneas que contêm nossa consciência mais profunda e conhecimentos ancestrais. Dessa maneira, o El Cenote contém conhecimento que vem das gerações de ancestrais que vivem dentro de nós e permeiam cada célula de nosso corpo. Diante disso, posso dizer que o ensaio Águas de Kalunga como El Cenote guarda histórias, e por guardar histórias, ele desvela saberes outros a partir de estruturas simbólicas hierarquizadas ou não.

A interpretação adentra num local bélico, por isso desconfiamos até de nossa escrita. Pois, não podemos esquecer que o sujeito escreve/fala dum determinado espaço e momento específico, sendo impossível afastar das “hierarquias de classe, sexuais, de gênero, espirituais, linguísticas, geográficas e raciais do ‘sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno’” (GROSGOUEL, 2009. p. 386-386). Aqui quebramos o mito do Ego não situado. Não é nossa intenção arvorar um conhecimento sem uma crítica epistemológica em relação à produção de conhecimento.

### 3 (IN)CONCLUSÕES

Compreendo que essas reflexões abordadas por mim são relevantes, pois na área da linguística há poucos trabalhos que problematizam, descrevam, interpretem, analisem o discurso literário a partir de Gloria Anzaldúa; de suas representações discursivas que giram em torno de identidades silenciadas, da desigualdade social e da exclusão via AD.

Assim, pude trazer nessas páginas algumas reflexões que faço do audiopoema de Conceição Evaristo. Saliento o leitor que os efeitos de sentido são paisagens, cabenos a observação de fotografar esses movimentos. Nota-se que o sujeito mulher mestiza confronta os discursos da história oficial, os discursos legitimados e (re)produzidos pelo senso comum da população acerca da cultura negra, em que são estereotipadas como primitivas/atrasadas. Problematizar, pois, essa temática se faz necessário, visto que a sociedade hodierna discute uma mudança social no que tange às minorias, aos excluídos e, muitas vezes, desconhecemos a história sob o ponto de vista (a partir de) dos sujeitos fronterizos, como os nossos indígenas, os sem-terra, sem-letra, negras, gays, lésbicas, queer, as travestis, transexuais, os bissexuais, ribeirinhos, imigrantes, os apenas etc.

### REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas**: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, jan. 2000.
- ANZALDÚA, Gloria. Keating Ana Louise (Ed). **The Gloria Anzaldúa's Reader**. Durham: Duke University Press. 2009.
- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/la frontera**: the new mestiza. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.
- CORACINI, Maria José. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado das Letras, 2007.
- EVARISTO, Conceição. **Águas de Kalunga, Episódio 1**. Locução de: Elisa Lucinda. Rio de Janeiro: Museu Arte do Rio, 2019, podcast (15:30min.). Disponível em: <https://museudeartedorio.org.br/podcast/aguas-de-kalunga-por-conceicao-evaristo-1/>.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe B. Neves Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- GUERRA, Vânia M. L. As fronteiras da exclusão: o discurso do outro e o processo identitário do indígena. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; NOLASCO, Edgar César; GUERRA, Vânia M. L.; S. Freire, Zélia R. Nolasco dos. (Orgs.). **Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul – (Brasil/Paraguai/Bolívia) – biogeografias na arte, crítica biográfica fronteiriça, discurso indígena e literaturas de fronteira**. Campinas: Pontes, 2017. p. 95-122.
- GROSFOGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: Santos BS, Meneses MP. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina; 2009. p. 383-417.
- GUERRA, Vânia M. L. **As fronteiras da exclusão**: o processo identitário e multifacetado do indígena. In: revista The Specialist. Volume 39, Número 2, 2018, p. 01-18.
- SIMAS, Luiz Antônio. **Umbandas**: Uma história do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Trad.: São Paulo: Editora WMF/Martins Fontes, 2012.
- ZAUDITU-SELASSIE, K. **Beloved, African Spiritual Traditions in the Novels of Toni Morrison**. Gainesville: University Press of Florida, 2009.